

## EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES NORTISTAS E NORDESTINOS EM UNIVERSIDADE NO SUL DO BRASIL

CAMILLE GONÇALVES SILVEIRA<sup>1</sup>; DENISE MACEDO ZILIOOTTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [camillesilveira1603@gmail.com](mailto:camillesilveira1603@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dmziliotto@gmail.com](mailto:dmziliotto@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente recorte é um desdobramento do projeto de pesquisa **Políticas de acesso ao ensino superior e contexto de deslocados: circunstâncias de (im)permanência**, coordenado pela professora Denise Macedo Ziliotto. O projeto pauta-se pela análise do percurso acadêmico de estudantes deslocados. Esta investigação analisa as experiências de estudantes nortistas e nordestinos deslocados na Universidade Federal de Pelotas.

Segundo o INEP (2024) desde de 2014 cerca de 852.237 mil estudantes ingressaram em cursos presenciais de graduação em universidades federais, como resultado da ampliação das modalidades de acesso e aplicação de programas de assistência estudantil que possibilitam a migração de estudantes para outras regiões. A partir desse contingente de políticas houve ampliação da mobilidade a partir do Sistema de Seleção Unificada (SISU), onde estudantes de todo país se candidatam para vagas em universidades públicas em todo território brasileiro. Cardoso, Castro, Frio e Fochezatto (2022) afirmam que grande parte das migrações ocorrem especialmente para as regiões sul e sudeste, motivadas pela ocupação de vagas em cursos de alto prestígio social. A maioria dos estudantes, segundo os pesquisadores, têm origem nortista e nordestina, o que demonstra a ocorrência de um fluxo migratório histórico em busca de melhores condições de trabalho e de educação.

Silva (2014) afirma que, ainda que existam leis que busquem garantir a diversidade e o respeito à multiplicidade de vivências no ambiente acadêmico, os estudantes deslocados nortistas e nordestinos comumente enfrentam não só as grandes diferenças culturais, mas também, diferenças territoriais e reações advindas das diferenças que se impõem. Portanto, é relevante analisar as experiências dos estudantes que se desterritorializam e desvelam contextos heterogêneos das regiões do país. Portanto, a entrada na educação superior é

concomitante às vivências de outros repertórios e lugares, o que impacta no percurso acadêmico.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem característica qualitativa descritivo-analítica e tem como instrumento entrevistas em profundidade com estudantes nortistas e nordestinas, ingressantes via SISU, analisadas na perspectiva das histórias de vida.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas revelaram experiências que entrelaçam a questão da territorialidade e da etnia, havendo aspectos identitários significativos no convívio na universidade. Portanto, há outros desafios diante do ingresso no ensino superior, como mencionado pela E4, nortista declarada parda:

“De início, a minha mãe não queria muito que eu viesse para o sul. O meu pai queria, mas a minha mãe não, porque tem toda essa ideia de que o sulista é racista. Enfim, tem essa imagem, e a minha mãe sofreu muito racismo durante toda a vida dela, então ela não queria, tanto é que ela ficava no meu pé falando que não era pra vir pra cá, enfim, foi basicamente isso.”

E15, nordestina e autodeclarada negra compartilhou que:

“Na universidade, é um pouco estranho, porque algumas pessoas te recebem bem, mas sinto um ar de não pertencimento. Tenho meu grupo de amigos na faculdade, mas pelo resto das pessoas eu não me sinto incluída. Eles me tratam com educação, mas você sente aquele desconforto de estar presente ali.”

Ramos (2021) afirma que, apesar de algumas variáveis, o uso de falas xenofóbicas sempre acaba por vir acompanhado de ideais racistas, uma vez que estes grupos carregam um maior número de características físicas e culturais de grupos historicamente marginalizados, como a população indígena e os povos africanos.

E3, estudante negra, natural do Pará, comentou

“Quando cheguei em Pelotas, tive dificuldade para dormir e para me entender aqui. Eu não dormia muito bem, às vezes eu ficava ansiosa e não conseguia acordar cedo para ir para faculdade. [...]Esse período foi conturbado para mim e eu tentei falar sobre isso com alguns professores, mas isso não foi muito levado em consideração. Ao conversar com uma das minhas professoras na época, contei que estava tendo problemas com ansiedade e isso me afetava demais...ela não me escutou e mesmo depois de toda explicação sobre a minha situação, começou a me dar falta. Depois dessa situação, passei a me sentir insegura e achar que as

“pessoas não estavam compreendendo o que eu dizia...passei a acreditar que poderia ter algo de errado comigo e com o jeito que eu falava”

Os entrevistados mencionaram ter medo de serem mal compreendidos, ou até mesmo, serem desvalorizados intelectualmente por causa do uso de sotaques e palavras com variações regionais. Bagno (2015) afirma que nordestinos e nortistas são os mais sujeitos a sofrer este tipo de preconceito devido ao uso de variações e os sotaques característicos, o que acaba gerando nestes indivíduos um sentimento de frustração e insegurança. Tal experiência contribui para o apagamento de resquícios linguístico-culturais já que existe uma recusa acerca do entendimento da diversidade linguística como atributo que enriquece a língua portuguesa, e não como característica que empobrece.

Outro estranhamento vivido diz respeito à cultura alimentar, a partir de outros hábitos como o uso de feijão preto não somente na feijoada e ausência de temperos na preparação dos pratos. E15 comentou sobre a dificuldade de manter a alimentação característica em de seu estado de origem, Ceará:

“Apesar de não ter encontrado uma grande diversidade de farinhas e pratos que eu comia lá no nordeste, ainda mantenho alguns hábitos, tipo o consumo de farinha e peixe já que apesar de lá nós comermos mais peixe ensopado ou cozido, aqui vocês comem muito peixe frito”.

Outro aspecto refere-se à dificuldade de custear essa subsistência, especialmente no período em que não houve ainda o deferimento de auxílios e portanto, a possibilidade de acesso ao restaurante universitário. E4 refere a insegurança alimentar vivida no período que não contava com auxílios da universidade e acesso ao RU: *“No início, chegou a faltar o básico. Me lembro que comia só pão e tomava um pouco de leite porque tudo era contado e eu tinha que fazer tudo durar”*.

Outro aspecto mencionado foi a questão climática. Segundo E3: *“Não me acostumei com o frio e as chuvas daqui. De onde eu venho o sol e o calor faz com que todo mundo tenha mais energia, aqui o clima faz com que todo mundo seja mais recluso”*. E4 comenta:

“Uma amiga que iria vir comigo disse que aqui o frio era horrível, que doía e que eu não tinha roupa para aguentar o frio daqui. Quando cheguei, acho que fazia 17º e em alguns dias a temperatura mínima era de 3º. A

medida em que fui tendo noção do quão frio era, comecei a me preparar mais”.

O clima frio e úmido impacta desde a condição de vestuário dos estudantes até as condições de saúde, pois tendem a enfrentar adoecimentos no período de inverno e se haverem com a busca de atendimento médico numa cidade que ainda está sendo conhecida, sentindo a falta de familiares para o cuidado nesses momentos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos deslocados que ingressam em universidade pública no sul do país via SISU, e que são provenientes das regiões norte e nordeste do país, enfrentam desafios relativos às diferenças culturais, sociais, linguísticas e territoriais, havendo a identificação de situações de exclusão no âmbito universitário.

#### 5. REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.

CARDOSO, R.P; CASTRO, A.P; FRIO, G.S; FOCHEZZATO, A. **Migração estudantil: uma análise do impacto da política de cotas e do programa universidade para todos**. In:Macedo, F.C; Neto, A.M; Vieira, D.J (Org.). Universidade e Território: Ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI. Brasília: IPEA, 2022, p. 429 - 459.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da educação superior 2023** . Ministério da Educação: Brasília, 2024. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMGJiMmNiNTAtOTY1OC00ZjUzLTg2OGUtMjAzYzNiYTA5YjliiwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWMTNGlXZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9&pageName=ReportSection4036c90b8a27b5f58f54>

RAMOS, V.B.C. **Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a história como propositora de vivência intercultural**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás.

SILVA, C.A. **Norte-nordestinos na pós-graduação em Educação (stricto sensu) na cidade de São Paulo: implicações sobre a constituição da identidade**. 2014. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.